

A NEUROSE DO RACISMO: INTERFACES PSICANALÍTICAS POR LÉLIA GONZALEZ

THE NEUROSIS OF RACISM: PSYCHOANALYTIC INTERFACES BY LÉLIA GONZALEZ

Magno Jonas Ribeiro¹

Resumo: O presente trabalho visa mostrar uma análise do racismo a partir dos estudos da filósofa e socióloga brasileira Lélia Gonzalez. A Autora trouxe uma visão diferente de seus contemporâneos sobre esse tema, pois o racismo tinha suas premissas de análise somente pela sociologia. Com isso, Lélia González trouxe riqueza e uma reflexão inovadora em como podemos ampliar e aprofundar a reflexão sobre tal conceito, ampliando e fazendo intersecções com a psicanálise de Sigmund Freud e Jacques Lacan, afim de levantar a seguinte questão dentro de várias questões: o racismo como conhecemos até a sua extensão ao racismo estrutural, tem em sua gênese de funcionamento uma influência do inconsciente Psicanalítico? Por fim, o trabalho tem a intenção de levar ao leitor reflexões das novas perspectivas que Lélia González inseriu nos estudos do racismo para compreendermos o que seria esse conceito e como ele opera no inconsciente do indivíduo brasileiro a partir de uma neurose; conceito estudado na psicanálise.

Palavras chaves: neurose, psicanálise, racismo

Abstract: This paper aims to present an analysis of racism based on the studies of Brazilian philoso-

¹ Possui graduação em Psicologia - Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos (2014). Pós graduação stricto sensu - Mestrado em Science of Technologies in education em andamento pela MUST University e pós graduando em ciências humanas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Papéis e Estruturas Sociais. Docente da clínica e escola de psicanálise R.N.A

pher and sociologist Lélia González. The author brought a different view from her contemporaries on this subject, since racism had its premises of analysis only through sociology. With this, Lélia González brought richness and an innovative reflection on how we can broaden and deepen the reflection on this concept, expanding and making intersections with the psychoanalysis of Sigmund Freud and Jacques Lacan, in order to raise the following question within several questions: does racism as we know it until its extension to structural racism have in its genesis an influence of the psychoanalytic unconscious? Finally, the work intends to lead the reader to reflections on the new perspectives that Lélia González inserted into the studies of racism so that we can understand what this concept would be and how it operates in the unconscious of the Brazilian individual based on a neurosis; a concept studied in psychoanalysis.

Keywords: neurosis, psychoanalysis, racism

INTRODUÇÃO

A interseção entre psicanálise e racismo no contexto brasileiro é um tema complexo e profundamente relevante. A psicanálise, como disciplina que busca compreender as complexidades do indivíduo e da sociedade, oferece uma lente única para analisar as manifestações do racismo e suas implicações nas dinâmicas psicológicas e sociais. No presente trabalho exploraremos a relação entre a teoria psicanalítica e as questões de racismo no Brasil, destacando como essas duas esferas se entrelaçam e influenciam a experiência dos indivíduos e a estrutura social do país.

A origem da psicanálise no país remonta ao início do século XX, com a chegada de figuras renomadas, como Nise da Silveira e Durval Marcondes, que contribuíram para introduzir a psicanálise no contexto brasileiro (DIAZ, 2012). Contudo, foi no final da década de 70 e início da década de 80 que o Rio de Janeiro se tornou um epicentro desse movimento, com a consolidação de instituições de ensino e pesquisa, bem como a ampla disseminação de práticas psicanalíticas. Nesse período, o

Rio abrigou importantes congressos e conferências, atraindo estudiosos e profissionais de todo o país (COIMBRA, 2004).

Essa efervescência cultural e acadêmica contribuiu para o enriquecimento da psicanálise brasileira, que se adaptou às peculiaridades da sociedade e cultura locais.

Foi nesse momento que uma figura notável teve grande contribuição nesse período: Lélia Gonzalez.

Lélia Gonzalez trouxe uma perspectiva crítica e engajada à discussão psicanalítica de sua época, abordando questões de raça, gênero e classe social. Ela foi uma das vozes pioneiras a trazer um olhar mais inclusivo e contextualizado à psicanálise, destacando a importância de considerar a diversidade e as desigualdades na sociedade brasileira.

Essas duas figuras desempenharam papéis cruciais na adaptação e enriquecimento da psicanálise no Rio de Janeiro durante os anos 80, contribuindo para a sua evolução em um contexto cultural e social em constante transformação. Suas contribuições ajudaram a tornar a psicanálise mais sensível às realidades complexas do Brasil.

A filosofia via o racismo como um fenômeno complexo e multifacetado no contexto brasileiro. Ela entendia que o racismo não se limitava apenas a atos de discriminação explícita, mas estava profundamente enraizado nas estruturas sociais e nas relações de poder do país (GONZALEZ, 2020).

Lélia argumentava que o racismo no Brasil era estrutural e se manifestava de forma velada em instituições, na cultura e na sociedade em geral. Ela via o racismo como um sistema que perpetuava a opressão das populações negras e indígenas, influenciando questões como acesso desigual à educação, oportunidades de emprego e justiça social (GONZALEZ, 2020).

Além disso, a autora enfatizava a interseccionalidade do racismo, ou seja, como ele se entrelaçava com outras formas de discriminação, como o machismo e a desigualdade de classe. Ela acreditava que era essencial abordar todas essas dimensões para entender verdadeiramente a complexidade do racismo no Brasil.

Em resumo, Lélia González via o racismo como um sistema estrutural de opressão que

permeava todos os aspectos da sociedade brasileira, e suas análises críticas contribuíram para uma compreensão mais profunda e abrangente desse problema.

Lélia Gonzalez percebeu que os estudos sociais e culturais, embora fundamentais para compreender o racismo no Brasil, não eram suficientes para abordar a complexidade desse fenômeno. Ela sentia a necessidade de aprofundar sua compreensão, especialmente em relação aos aspectos psicológicos e emocionais envolvidos, e foi por isso que decidiu estudar psicanálise.

A psicanálise proporcionou a Lélia Gonzalez as ferramentas necessárias para explorar as dimensões mais profundas do racismo, incluindo a maneira como ele afeta e estrutura a consciência, as emoções e as relações interpessoais. A autora entendeu que o racismo não era apenas uma questão de opressão de raça e classe, mas também uma experiência interna e estrutural para aqueles que o sofrem e, em alguns casos, para aqueles que o perpetuam.

Através da psicanálise, Lélia González pôde investigar as dinâmicas psicológicas subjacentes ao racismo, como mecanismos de defesa, projeções e a internalização de estereótipos. Isso permitiu que ela enxergasse como o racismo se manifesta não apenas em estruturas sociais, mas também enquanto uma espécie de “neurose cultural” (GONZALEZ, 2020).

Portanto, ao combinar os estudos sociais e culturais com a psicanálise, Lélia González buscou uma compreensão mais profunda do racismo no Brasil, explorando suas dimensões tanto externas quanto internas. Isso a capacitou a abordar esse problema de maneira mais abrangente e completa.

No presente trabalho, será examinado como conceitos fundamentais da psicanálise, como o inconsciente, a identidade e os mecanismos de defesa, podem ser aplicados para compreender a perpetuação do racismo e seus efeitos na psicologia coletiva e individual dos brasileiros. Além disso, abordaremos o papel dos profissionais da psicologia e da psicanálise na desconstrução de estereótipos, na promoção da igualdade racial e na construção de uma sociedade mais justa. A interseção entre psicanálise e racismo no Brasil é um tópico desafiador, porém crucial, que merece uma análise aprofundada para promover a compreensão e o enfrentamento dessas questões complexas e enraizadas em nossa sociedade.

BIOGRAFIA

Lélia Gonzalez (1935-1994) foi uma renomada intelectual, feminista, antropóloga e psicanalista brasileira que desempenhou um papel significativo no cenário acadêmico e ativista do país. Nascida em Belo Horizonte, Minas Gerais, Gonzalez dedicou sua vida a analisar criticamente as questões de raça, gênero e classe no contexto brasileiro (GONZALEZ, 2020).

Graduou-se em Sociologia e Política na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e posteriormente obteve seu doutorado em Comunicação e Cultura na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sua trajetória acadêmica foi marcada por uma abordagem interdisciplinar, incorporando contribuições da antropologia, sociologia, e posteriormente, da psicanálise (GONZALEZ, 2020).

Gonzalez (2020) tornou-se uma das vozes mais proeminentes a criticar a ideia de “democracia racial” no Brasil, argumentando que ela obscurecia as persistentes desigualdades e discriminações raciais. Engajou-se ativamente no movimento feminista e foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU), onde seu ativismo focava na luta contra o racismo e na promoção da igualdade racial.

Na década de 1980, Lélia Gonzalez dedicou-se ao estudo da psicanálise, reconhecendo a necessidade de compreender as dimensões psicológicas do racismo. Sua incursão na psicanálise ampliou seu escopo de análise, enriquecendo sua compreensão das complexidades interiores do preconceito racial (GONZALEZ, 2020).

Além disso, seus escritos notáveis, como “Lugar de Negro” (1981), continuaram a desafiar a narrativa da “democracia racial” brasileira, proporcionando uma análise crítica das interseções entre raça e gênero. Mas, foi em seu artigo “Racismo em sexismo na cultura Brasileira”, que Lélia levantou o problema: uma análise do racismo estrutural e seus fragmentos poderiam ser realizados a luz de uma ótica sócio econômica? O que será que outros estudos das ciências humanas poderiam

contribuir para aprofundar o entendimento disso? Lélia, já observava no horizonte a importância que a psicanálise poderia ter em suas reflexões e artigos. Com base nisso, sua voz persistente e corajosa continuou a ecoar em congressos, conferências e debates, influenciando as discussões sobre justiça social e igualdade racial.

Ao longo de sua carreira, Gonzalez publicou artigos influentes e participou ativamente de debates sobre questões raciais e de gênero. Seu legado perdura não apenas em suas contribuições acadêmicas, mas também em sua atuação como uma voz destemida na luta por justiça social e igualdade no Brasil. Lélia Gonzalez faleceu em 1994, deixando um impacto duradouro no campo acadêmico e nas lutas sociais brasileiras (GONZALEZ, 2020).

RACISMO

O racismo é um fenômeno social complexo que se manifesta pela discriminação ou preconceito baseado em características raciais. Essa forma de discriminação pode refletir em atitudes, práticas institucionais e estruturas sociais que perpetuam a marginalização e desvantagens para determinados grupos étnicos.

A partir da perspectiva do autor Achille Mbembe (2018), o racismo é mais do que uma simples manifestação de preconceitos individuais; é um fenômeno estrutural que permeia as instituições e as dinâmicas sociais. Mbembe (2018) enfatiza que o racismo não apenas marginaliza e discrimina com base na raça, mas também serve como uma ferramenta de biopoder, reproduzindo desigualdades profundamente enraizadas, como cita o autor:

[...] racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “este velho direito soberano de matar”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornas possíveis as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para aceitabilidade do fazer morrer” (Mbembe, 2018, p. 18)

Nessa visão, o racismo é intrínseco às estruturas sociais, moldando não apenas as interações interpessoais, mas também determinando o acesso a recursos, oportunidades e privilégios, como por exemplo, o próprio direito de viver: Em larga medida, o racismo é o motor do princípio necropolítico (Mbembe, 2017, p. 65)

Outro autor importante que levanta uma reflexão sobre o racismo é Silvio Almeida. Almeida em “Racismo estrutural”, (2020) mergulha nas complexidades históricas e sociais que fundamentam as manifestações contemporâneas do racismo no país. A obra explora as raízes do preconceito racial, traçando conexões desde o período colonial até os dias atuais.

Almeida (2001) destaca a persistência de estereótipos raciais arraigados na sociedade brasileira, ressaltando como essas representações impactam as relações cotidianas e moldam estruturas de poder:

O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo o momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo telenovelas brasileiras, um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras tem uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou que homens brancos sempre têm personalidades complexas e são líderes nato, meticolosos e racionais em suas ações (ALMEIDA, 2020, p. 65)

Como podemos ver, o autor examina minuciosamente as diferentes formas de discriminação, indo além da superficialidade da cor da pele para analisar questões estruturais que perpetuam a desigualdade, ao qual ele chamou de “racismo estrutural”:

1. Pessoas negras menos aptas para a vida acadêmica e para a advocacia;
2. Pessoas negras, como todas as outras pessoas, são afetadas por suas escolhas individuais, e sua condição racial nada tem a ver com a condição socioeconômica.
3. Pessoas negras, por fatores históricos, têm menos acesso a educação e, por isso, estão alocadas em trabalhos menos qualificados, os quais, consequentemente, são mal remunerados;
4. Pessoas negras estão sob o domínio de uma supremacia branca política-

mente construída e que está presente em todos os espaços de poder e prestígio social (ALMEIDA, 2020, p. 61)

Ou seja, ao abordar a interseccionalidade, o autor ressalta que o racismo estrutural não é apenas um fenômeno isolado, mas sim um sistema complexo que permeia diversas esferas da sociedade, como educação, trabalho, saúde e segurança. Ele destaca a importância de compreender as raízes históricas desse fenômeno, relacionadas ao período da escravidão e à construção de hierarquias raciais.

Almeida (2020) destaca que o racismo no Brasil é permeado por elementos históricos, sociais e culturais, moldando relações de poder e influenciando diversas esferas da vida cotidiana. Ele argumenta que a discriminação racial não se limita apenas à questão de cor da pele, mas está intrinsecamente ligada a concepções arraigadas de superioridade e inferioridade.

Ao explorar as nuances do racismo é também destacado a importância de considerar uma fronteira, que reconhece como diferentes formas de discriminação se entrelaçam, como o racismo e o sexismo (ALMEIDA, 2020).

Dessa forma, em sua obra, Silvio contribuiu para uma compreensão mais abrangente do racismo, chamando a atenção para suas manifestações subtis e estruturais, bem como para a necessidade de uma abordagem holística para combatê-lo.

O autor também explora a resistência e as estratégias de enfrentamento adotadas por comunidades afro-brasileiras ao longo do tempo, ao fornecer um olhar meticuloso sobre as dinâmicas sociais. Almeida (2020) então constitui um apoio para uma compreensão mais completa do racismo no Brasil, encorajando a reflexão crítica e a necessidade de transformações estruturais para promover a verdadeira igualdade.

Também encontramos em Djamila Ribeiro, feminista, filósofa e escritora brasileira, uma perspectiva contundente sobre o racismo em suas obras. Para ela, em sua obra *_Pequeno Manual Antirracista_* (2019), o racismo não é apenas uma manifestação individual de preconceito, mas um sistema estrutural enraizado nas bases da sociedade:

O primeiro ponto a entender é que para falar de racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre a escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Deve se pensar como esse sistema beneficiando economicamente por toda história e população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e a distribuição de riquezas (RIBEIRO, 2019, p.5)

A autora destaca como o racismo permeia instituições, práticas e discursos, gerando desigualdades profundas e persistentes.

A sua análise vai além da visão restrita da discriminação racial, incorporando uma compreensão mais abrangente das interseções entre raça, gênero e classe social. (RIBEIRO, 2019) Nessa obra, ela explora a violência simbólica e estrutural imposta às pessoas racializadas, destacando a importância de reconhecer não apenas as manifestações evidentes, mas também as sutilezas e complexidades do racismo cotidiano. Com isso, a definição de racismo pela autora, abrange uma compreensão crítica das estruturas que perpetuam a discriminação racial, incentivando uma reflexão profunda sobre como enfrentar e transformar esse sistema para alcançar uma sociedade mais justa e igualitária (RIBEIRO, 2019).

Podemos concluir que a definição de racismo por todos esses autores passa sempre pela perspectiva do racismo enquanto uma Racionalidade estrutural que encontra seu fundamento e funcionamento a partir de consequências sociais, culturais e de estruturas tanto nas instituições como nas classes sociais. Porém, o que vai surgir enquanto uma engenhosidade na análise do racismo vai ser a partir de um olhar analítico, sob uma perspectiva epistemológica em que essas estruturas não se dariam no campo sócio econômico, mas, a partir de como se estrutura se dá no campo psicológico, e como a linguagem se estrutura a partir de uma articulação da e dinâmica da própria linguagem para pode definir como se dá as estruturas psíquicas, e por fim compreender a proposta analítica e criativa da filósofa, Lélia Gonzalez.

PSICANÁLISE E A SUA ORIGEM

A psicanálise, originária do trabalho revolucionário de Sigmund Freud, teve seu início na Viena do final do século XIX. Sigmund Freud, um médico neurologista austríaco, desenvolveu gradualmente as teorias que formariam a base dessa abordagem psicológica. A partir de suas experiências clínicas, Freud começou a explorar o inconsciente como um domínio crucial para a compreensão dos processos mentais:

Termo criado por Sigmund Freud, em 1896, para nomear um método particular de psicoterapia (ou tratamento pela fala) proveniente do processo catártico de Josef Breuer e pautado na exploração do inconsciente, com a ajuda da associação livre, por parte do paciente, e da interpretação, por parte do psicanalista (ROUDINESCO, PLON, 1998).

O ano de 1899 marca um marco significativo com a publicação da “Interpretação dos Sonhos”, obra seminal na qual Freud introduziu conceitos fundamentais, como o inconsciente, a repressão e a análise dos sonhos. Este trabalho estabeleceu as bases da psicanálise como uma disciplina distinta.

Livro de Sigmund Freud, publicado em novembro de 1899 sob o título “Die Traumdeutung, porém datado de 1900 pelo editor (ROUDINESCO, PLON, 1998).

O Círculo Psicanalítico de Viena foi formado, reunindo notáveis colaboradores de Freud, como Carl Jung e Alfred Adler. No entanto, divergências teóricas levaram a rupturas e o desenvolvimento de diferentes escolas de psicanálise.

A disseminação da psicanálise além das fronteiras vienenses ocorreu principalmente através das obras de Freud e seus seguidores. O exílio de muitos psicanalistas durante a Segunda Guerra Mundial contribuiu para a internacionalização dessa abordagem.

No decorrer do século XX, a psicanálise evoluiu e se diversificou, sendo incorporada em várias vertentes, como a psicologia clínica, a psicologia social e a psicanálise lacaniana. A origem da psicanálise, fundamentada nas ideias pioneiras de Freud, continua a influenciar profundamente a compreensão da mente humana e a prática clínica na psicologia moderna.

No contexto europeu do final do século XIX, a psicanálise emergiu como uma revolucionária abordagem para compreender os processos mentais. Sigmund Freud, um médico vienense, foi o arquiteto dessa disciplina, introduzindo conceitos fundamentais, como o inconsciente e a análise dos sonhos.

Durante o século XX, o cenário político na Europa, especialmente com a ascensão do nazismo, forçou muitos psicanalistas ao exílio, disseminando a abordagem além das fronteiras europeias. A psicanálise se internacionalizou, alcançando diversas partes do mundo.

No Brasil, a psicanálise encontrou solo fértil para se desenvolver. A chegada dessa abordagem ao país foi marcada por influências europeias e também pela fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise em 1927. Psicanalistas brasileiros, como Nise da Silveira e Durval Marcondes, desempenharam papéis cruciais na difusão e adaptação dessas teorias ao contexto brasileiro (DIAZ, 2012).

Assim, a psicanálise, oriunda da efervescência intelectual europeia, encontrou novos horizontes no Brasil, moldando a compreensão da psicologia e influenciando profundamente a prática clínica e o pensamento psicológico no país.

É nesse contexto que Lélia Gonzalez, figura proeminente nos cenários intelectual e ativista brasileiros, desempenhou um papel crucial na introdução e desenvolvimento da psicanálise no Rio de Janeiro nas décadas de 70 e 80. Reconhecendo a necessidade de uma abordagem mais ampla para compreender as complexidades sociais, Lélia Gonzalez, juntamente com outros intelectuais, contribuiu para a criação do Fórum Psicanalítico (GONZALEZ, 2020).

Esse fórum, estabelecido como um espaço de diálogo e reflexão desafiou as concepções tradicionais da psicanálise, buscando integrar suas teorias ao contexto sociocultural específico do Brasil. Lélia Gonzalez, com sua visão crítica e engajada, buscou conectar as dimensões psicológicas com as

questões raciais e sociais, enriquecendo assim o diálogo psicanalítico na região.

Ao estabelecer um terreno fértil para o intercâmbio de ideias e abordagens, o Fórum Psicanalítico no Rio de Janeiro durante os anos 70 e 80, desempenhou um papel essencial na formação de uma psicanálise brasileira mais sensível às realidades socioculturais do país, abrindo brecha para que novos estudos apareçam com correlações à cultura nacional. Mas, estaria a psicanálise a serviço de uma construção teórica que poderia explicar realidades particulares no Brasil, já que, a mesma é oriunda de uma prática europeia. Com isso, teria uma visão “imparcial” e precisa para analisar fatos de nossa cultura? Segundo, Lélia González, sim, e é isso que será mostrado no presente trabalho.

O LUGAR DE FALA

Para podermos construir um saber efetivo e estabelecer pontes entre a psicanálise, e a realidade brasileira, primeiro precisamos compreender o que seria essa tal realidade ao qual estamos nos dirigindo. Lélia González (2020), vai se dirigir primeiro ao sociólogo brasileiro, Caio Prado Junior, que diz:

Realmente a escravidão nas duas funções que exerceram na sociedade Colonial fator trabalho e fator sexual não determinará se não relações elementares e muito simples a outra função do escravo ou antes da mulher escrava instrumento de satisfação das necessidades sexuais de seus senhores e dominadores não tem um efeito menos elementar não ultrapassará também o nível primário e puramente animal do contato sexual não se aproximando senão muito remotamente da esfera propriamente humana do amor em que o ato sexual se envolve de todo um complexo de Emoções sentimentos tão amplos que chegam até fazer passar para o segundo plano aquele ato que afinal lhe deu origem (PRADO,1994)

Pós essa citação, a autora repercute:

Depois que a gente lê um barato assim, nem dá vontade de dizer nada porque é um prato feito. Pelo exposto, a gente tem a impressão de que branco não

tropa, mas comete ato sexual, e que chama tesão de necessidade. E, ainda por cima, diz que animal só tira sarro. Assim não dá para entender, pois não? Mas, na verdade, até que dá. Pois o texto possui riqueza de sentido, na medida em que há uma expressão privilegiada do que chamaríamos de neurose cultural brasileira (GONZÁLEZ, 2020).

Ou seja, estamos falando de um choque de Visões conflituosas sobre o que seria a realidade brasileira.

Mas, como podemos investigar de fato o que seria a realidade do país e com isso, refutar falas como a de Caio Prado Jr que exprime parâmetros de normalidade na relação entre indivíduos que fora escravizados e subalternizados em sua existência para que assim, possamos montar um saber efetivo sobre qual é a realidade factual do Brasil e o lugar que a escravidão colocou esses indivíduos? A isso, Lélia cita:

O LIXO VAI FALAR

Podemos ver aqui a junção entre a lógica psicanalítica, ou seja, daquilo que escapa a lógica tradicional, para entendermos qual é a visão de mundo da maioria da população brasileira que sofre com o racismo estrutural. O tal “lixo” a qual Lélia cita. A isso, podemos identificar como “o lugar de fala do lixo”.

O que seria lugar de fala? Esse conceito alinha se com as proposta discursiva da psicanálise para propor uma visão diferente do que seria o Racismo no Brasil? Vamos fazer uma breve construção e como podemos interseccionar paralelamente o conceito de lugar de fala com o que seria “o discurso da psicanálise”.

Segundo Djamila Ribeiro, lugar de fala seria “como lugar no qual, do ponto de vista discursivo, os corpos subalternizados reivindicam sua existência (SANTOS, 2019)”, ou seja, o lugar do falante determina o reconhecimento de sua escuta. Porém, do ponto de vista da psicanálise, o discurso não visa centralizar um lugar que diz que ali há um sujeito que saiba plenamente da sua condição de

subalternização e de escuta. Mas, que o discurso, produz perdas, ou seja, é sobre a minha identidade que eu sei menos, pois a identidade visa um ideal de quem eu sou (AMBRA, 2020).

Outro ponto seria sobre a divisão subjetiva, para a psicanálise, a divisão subjetiva é estrutural e não histórica, pois, se a alienação a subalternização das raças for histórica, podemos propor acabar com a alienação propondo uma mudança histórica das condições de enunciação. Porém, para a psicanálise a divisão é estrutural, ou seja, é pela linguagem. Isso implica que todos somos “asujeitados” pela linguagem no processo estrutural de divisão subjetiva (AMBRA, 2020).

Mas, será que a gente mesmo atravessado por essa linguagem, também não ligado por questões de raça, classe e gênero?

Outra questão importante é necessariamente sobre a fala, pois a fala na visão de Djamila Ribeiro joga luz na possibilidade de falar de seu lugar em contra posição ao seu silenciamento (SANTOS 2019).

Já para a psicanálise, O falar é um dizer que desvela um vazio, ou seja, a fala é o lugar onde eu não me localizo, eu saio de si. Com isso, para a psicanálise, é a fala que cria o lugar, e não o lugar que cria a fala (AMBRA, 2020).

Dessa forma, podemos pensar que o conceito de lugar de fala estaria diametralmente longe do que seria a psicanálise, porém, podemos traçar um paralelo interessante.

Fazendo um breve resumo, podemos definir uma estrutura em que o lugar de fala, seria que o lugar do falante determina o sistema de reconhecimento da escuta. Com base nisso, podemos fazer uma intersecção com a psicanálise, pois a transferência, por exemplo, que é uma das noções centrais para a psicanálise se articular a partir de um efeito que é causado da relação entre analisando e analista, porque o analista ocupa um lugar, no qual seu dizer tem primazia sobre o dito. Ou seja, a suposição de saber, que é o lugar da onde sai a fala do analista, que tem efeitos na transferência que só acontecem por conta da estrutura suposta, tanto do tratamento quanto da própria fala. Concluindo assim que temos uma estrutura de lugares que condiciona o que é reconhecido ou não, em termos de fala e intervenção, ou seja, o que seria o fim de uma análise seria o fim da assimetria (fim do poder

e da suposição de saber) entre as estruturas desses lugares ocupados pelo analista e pelo analisando.

Sendo assim, a psicanálise poderia ser uma ferramenta importante para desconstruir o lugar de poder e de saber ao qual é ocupado pelo discurso do racismo. Afinal de contas, é pelo poder sobre os corpos subalternizados que ele exerce sua influência e a psicanálise oferece uma desconstrução estrutural desse lugar e não necessariamente histórica.

Pois bem, a esse ponto, é onde desembarcamos em Lélia González, que propõe uma forma em interseccionar à psicanálise com essas questões, levando ao desenvolvimento de uma de suas mais importantes obras, *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileiro* (2020).

NEUROSE CULTURAL BRASILEIRA

A essa tese, Lélia Gonzalez propõe a seguinte conclusão: o racismo seria fruto de uma neurose. Por neurose, segundo Roudinesco, Plon, (1998):

Termo proposto em 1769 pelo médico escocês William Cullen para definir as doenças nervosas que acarretavam distúrbios da personalidade. Foi popularizado na França por Philippe Pinel em 1785. Retomado como conceito por Sigmund Freud a partir de 1893, é um termo empregado para designar uma doença nervosa cujos sintomas simbolizam o conflito psíquico recalcado de origem infantil (ROUDINESCO, PLON, 1998)

Ou seja, o racismo seria um sintoma de uma neurose, mas não uma neurose clássica como propõe a psicanálise, mas uma neurose de origem cultural, que tem afinidade com o passado histórico de escravidão do Brasil que culminou no racismo.

Para compreendermos melhor o que seria essa neurose, Gonzalez (2020) vai desenvolver uma reflexão sobre o racismo dentro da lógica psicanalítica.

Para isso, uma definição mais assertiva sobre o tema do racismo seu entendimento enquanto neurose, segundo González (2020) é fruto de uma demarcação histórica em que a cultura brasileira tem em seu pilar mais importante a cultura de matriz africana, e isso fazia com que a subserviência

dos escravos afro descendente ocupasse lugares importantes na construção do imaginário afetivo do branco. Como por exemplo, a ama de leite.

A ama de leite tinha a função de substituir a mãe do bebê em diversos cuidados relacionado à criança em sua primeira infância. Com isso, a criança fazia sua transição edípica com a ama de leite e não necessariamente com a sua mãe, o que implicava num processo de recalçamento do cuidado sob a influência da cultura de matriz afro descente, fazendo assim com que o bebê desejasse a mulher negra, sua ama de leite como objeto de desejo na vida adulta e regulação de fantasias de completude (GONZALEZ, 2020)

Porém, como esse processo ocorre em demarcações inconscientes, o que está na superfície do discurso cultural é o negro não fazer parte da inclusão da classe “normativa” do Brasil, em função da sua origem histórica, contribuindo assim para esse desejo pela mulher negra se transformar numa neurose de cunho cultural por ter que ser negado pelo homem branco em função das demarcações históricas que os negros expressam pelo seu passado de sofrimento e escravidão (GONZALEZ, 2020).

Entende se que a sociedade brasileira foi formada por uma cultura de matriz afro descendente, mas em função do seu processo histórico que passa desde o embranquecimento populacional até ao pacto simbólico de Gilberto Freyre sobre “a democracia racial”, existe uma sombra que habita o desejo do homem branco. Desejo esse que vai desde um grande ímpeto a aceitar que sua história cultural passa por pilares de matriz afro descente, até a sua criação amorosa fazendo o recalçar e até reprimir seu desejo pela mulher negra e toda sua representatividade, sendo assim expressada pelo ódio, segregação e todos os fatores que o possam distanciar de seu ideal de exercer a branquitude como discurso normativo e de enquadre de poder (GONZALEZ, 2020).

González (2020) vai dizer que o racismo torna esse desejo da criança branca duplamente proibido, porque o menino não pode desejar a mãe porque isso não é socialmente aceito pelo tabu do incesto, também não poderia desejar a mulher negra pois no Brasil não permite a construção dessa relação de uma forma não violenta, porque o passado da escravidão coloca essa relação dentro de uma marcação violenta.

Com isso, esse desejo é negado, sublimado e se reverte no mecanismo do racismo no Brasil, fazendo com que esse mecanismo não se expresse de maneira explícita, mas velado e colocado a todo tempo na dinâmica das relações (GONZALEZ, 2020).

A isso que González (2020) vai definir em sua tese da neurose cultural brasileira, que vai se dar a partir da relação de poder entre o patriarcado, o processo de criação e formação, e a mulher negra nesse lugar.

A partir disso, como se pode analisar e discutir essa neurose? Já que ela não é analisada, não pensada e não discutida, já que no Brasil o racismo “não é discutido”, “não é dito”, “não é visto”, como essa neurose vai se transmutar dentro das relações e vai criar o chamado “racismo estrutural”? Já que o racismo estrutural vai se expressar a partir de dois marcadores: a formação cultura, política e social brasileira que não permite que pessoas negras acessem outros lugares de poder, por conta da dinâmica de funcionamento da dinâmica brasileira e seu passado escravocrata. E também por estar no inconsciente do indivíduo brasileiro, pois o Brasil por ser uma sociedade patriarcal, ou seja, as figuras de poder estão localizadas nos indivíduos do sexo masculino e de origem europeia. Esse traço patriarcal que é herança do processo de escravidão que tem como processo de produção e a vida cotidiana e a produção econômica na época da escravidão, também era marcado na figura do senhor (senhor de engenho, senhor de escravo, etc.).

Então, essa relação patriarcal que o Brasil não superou e continua a ser reproduzida porque, segundo González (2020), não há espaços de discussões sobre a escravidão e seu impacto sócio histórico na sociedade, fazendo com que essa estrutura patriarcal se mantém e se reproduz a partir dessa neurose cultural que ora aparece de forma objetiva na estrutura de poder, por exemplo, o encarceramento em massa da população negra, o extermínio da população negra, e toda a desigualdade de origem étnica.

Assim, para Gonzalez (2020) toda essa estrutura do racismo estrutural se reafirma por essa neurose cultural que participa nas relações entre as pessoas. Com isso, há um poder socialmente dado ao homem branco de origem europeia que não é socialmente questionado e discutido, fazendo com

que as práticas institucionais sejam pensadas e repensadas cotidianamente criando modelos para que isso o racismo estrutural se mantenha. Mas, também a autora levanta a luz para um processo de formação do indivíduo baseado nesse desejo proibido sobre o corpo da mulher negra marcado pelo racismo (GONZALEZ, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grande importância de se levantar essa discussão e a reflexão sobre diversos pontos de vista sobre o racismo é justamente por um motivo elementar: No Brasil o racismo não é dito, e não é objetivado. Dentro disso, como essa dinâmica que está dentro da psique na construção da subjetividade dos indivíduos das mais diversas identidades e orientações sexuais, raça e classe, como ele pode ser repensado e superado fora de um modelo de violência? Pois, segundo González, a supressão desse desejo é violenta e se reverte em estruturas violentas de subalternizados e subjetivação de uma identidade e de uma possibilidade de vida, porque isso precisa ser negado e apagado. Quanto isso também reverte em forma de produção das vidas mais violentas e opressoras.

Existem duas maneiras de pensar numa transformação do Brasil dentro dessa dinâmica de funcionamento da cultura brasileira: A reflexão e a discussão sobre autores negros brasileiros e suas perspectivas de análise do racismo, pois Lélia González foi professora da UERJ com grandes trabalhos publicados e que ainda não tem o alcance necessário para produzir uma discussão séria e robusta em função da grade educacional de como se estrutura nossas universidades. E pensar a condição do racismo não só na perspectiva do negro, mas também do branco, pois o racismo também atravessa o indivíduo branco porque se o racismo cria subjetividades negras subalternas, o racismo intensifica subjetividades brancas narcisistas porque ele fornece ao branco uma falsa sensação de poder que vai contribuir para ele estar no gozo da opressão e segregação porque é criada a partir dessa concepção de neurose cultural uma estrutura social psíquica que dá para as pessoas seu lugar.

Concluindo, pensar e discutir o racismo é romper com essa estrutura de violência que marca

a sociedade brasileira.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Silvio Luiz de (2019) Racismo estrutural / Silvio Luiz de Almeida – São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

AMBRA, Pedro (2020) O lugar e a fala: a psicanálise contra o racismo em Lélia Gonzalez. Artigo originalmente publicado em Sig Revista de Psicanálise, n. 14, maio de 2020.

DIAZ, Fernando Sobhie (2012) Origens e Marcas da institucionalização na psicanálise do Rio de Janeiro. Histórias, Ciências, Saúde-Manguinhos.

GONZÁLEZ, Lelia (2020) Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos/ organização Flávio Rios, Márcia Lima, - 1º ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MBEMBE, Achille (2018) Necropolítica. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille (2017) Crítica da razão negra. São Paulo: n-1 edições, 2017.

PLON, ROUDINESCO (1998) Dicionário de psicanálise - Zahar.

PRADO Jr., Caio (1994) Formação do Brasil Contemporâneo, São Paulo, Editora Brasiliense, 23 edição.

RIBEIRO, Djamila (2017). O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento; 2017. (Feminismos plurais).

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, L.M.(2017) Lugar de fala – as hierarquias de reconhecimento político e o feminismo negro nas redes sociais. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, .11; WOMEN’S WORLDS CONGRESS, .13, Florianópolis, 2017. Anais Eletrônicos. p. 1-12.